

# Perfil e desafios institucionais dos primeiros anos de ensino de jornalismo na ECA-USP

Michelle Roxo

## Resumo:

O artigo mapeia características e desafios do processo de institucionalização do ensino de jornalismo na ECA, entre as décadas de 1960 e 1970. Chama atenção para aspectos do projeto formativo, estrutura curricular e desenho institucional da escola, além do perfil dos professores vinculados à fundação do curso de jornalismo, em especial o papel daquele que viria a ser sua principal liderança - José Marques de Melo. Mobiliza documentos institucionais e trechos de entrevistas realizadas com docentes que atuaram na instituição no referido período. Apesar dos obstáculos vivenciados no espaço institucional - especialmente a partir da década de 1970, em função da conjuntura política do regime militar - localiza esforços da equipe docente, nos anos iniciais de funcionamento do curso, direcionados à implantação de atividades laboratoriais, produção de pesquisa, seminários, além de tentativas de articulação com o setor produtivo. São ações que sinalizavam a intenção do Departamento de Jornalismo de projetar posição de protagonismo nos debates sobre o ensino e a formação dos profissionais da área, constituindo o curso da ECA como lugar de referência.

**Palavras-chave:** Ensino de jornalismo. ECA-USP. Primeiros anos. Perfil docente. Projeto formativo.

## Institutional profile and challenges during early years of journalism teaching at ECA-USP

### Abstract:

This article maps the characteristics and challenges involved in the institutionalization of journalism teaching at ECA, from the 1960s to the 1970s. Special attention is given to aspects of the school's educational project, curriculum, and its institutional design, in addition to the profiles of the teachers who founded the journalism course, with particular attention given to the role of one teacher who became the school's main leader - José Marques de Melo. This paper includes institutional documents and excerpts from interviews conducted with some of the institution's former professors during the aforementioned time period. Despite the obstacles experienced within the institution - particularly during the country's military dictatorship in the 1970s - this paper describes the teachers' early efforts to create the course, when they were conducting laboratory activities and research, holding seminars, and also articulating with the production sector. The department of journalism endeavored to become a leader in the debates on teaching and training professionals in the field, thus establishing the ECA's course as one of importance.

**Keywords:** Journalism teaching. ECA-USP. Early years. Teacher profiles. Formative project.

DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2022.84504>

Recebido em: 22.10.21  
Aprovado em: 05.06.22

### Michelle Roxo

Jornalista, cientista social e doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual Paulista (Unesp-Bauru).

E-mail: [michelle\\_roxo@yahoo.com.br](mailto:michelle_roxo@yahoo.com.br)

Estudos em Jornalismo e Mídia  
v. 19, n. 2, jul./dez. 2022.  
ISSNe 1984-6924



<sup>1</sup> O curso, autorizado pelo decreto 23.087, de 19 de maio de 1947, nasceu agregado ao grupo multimídia capitaneado pelo jornal A Gazeta, mas também integrado pela Gazeta Esportiva e Rádio Gazeta. Atendeu aos planos do empresário Cásper Líbero, que deixou registrado em testamento, em 1943, pouco antes de sua morte, o desejo de criação de uma escola de jornalismo (MELO, 1994);

<sup>2</sup> Em 1948, o curso de jornalismo da antiga Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), entrou em funcionamento, sendo o primeiro da área ofertado por uma instituição educacional pública no País. Esteve vinculado, inicialmente, à Faculdade Nacional de Filosofia da referida instituição, atendendo às normas legais em vigor à época. Os primeiros cursos de jornalismo foram subordinados pedagogicamente às faculdades de filosofia e letras. Somente em 1958 tiveram sua autonomia reconhecida, com a publicação do decreto-lei 43.839;

<sup>3</sup> Depois da Faculdade Cásper Líbero e da ECA-USP, dois outros cursos de comunicação/jornalismo iniciaram suas atividades na cidade de São Paulo na década de 1970: FIAM-FAAM (1972) e PUC-SP (1978);

<sup>4</sup> Este texto é uma versão revista e editada de pesquisa mais ampla sobre o ensino de jornalismo na ECA-USP contida em capítulo da tese de doutorado defendida em 2011, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF): “Sobre fronteiras no jornalismo: o ensino e a produção da identidade profissional”.

## Introdução

O desenvolvimento do ensino de jornalismo em São Paulo foi marcado, inicialmente, pela presença de duas instituições de ensino superior que, a partir de suas singularidades, irão reivindicar posição de protagonismo na formação de profissionais da área: Faculdade Cásper Líbero e Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). A primeira, criada em 1947 no âmbito da iniciativa privada<sup>1</sup>, representa o início da institucionalização do ensino de jornalismo em nível superior no País<sup>2</sup>. Este lugar fundador, reforçado em diversos discursos memorialísticos, confere significativo peso simbólico a Cásper Líbero no conjunto das agências de ensino que ofertam a formação específica, sobretudo na capital paulista. O segundo curso, por sua vez, está vinculado a uma renomada instituição pública de ensino superior do País. Criado em 1966, projetou, em seus anos iniciais de funcionamento, papel de destaque nas discussões sobre o ensino e a formação dos profissionais da área<sup>3</sup>. A ECA-USP também constituirá espaço institucional de formação de pesquisadores e docentes, impulsionando o desenvolvimento da reflexão de cunho acadêmico em torno do jornalismo, com a criação do programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação, em 1972.

Este artigo busca reconstruir e discutir sumariamente algumas características e desafios do processo de institucionalização do ensino de jornalismo na ECA, entre as décadas de 1960 e 1970<sup>4</sup>. Chamamos atenção para aspectos do projeto formativo, estrutura curricular e desenho institucional da escola, além do perfil dos docentes vinculados à fundação do curso de jornalismo, em especial o papel daquele que viria a ser sua principal liderança - José Marques de Melo. Para tanto, mobilizamos documentos institucionais do período - em especial, edições do Boletim do Departamento de Jornalismo (1968-1969) - e trechos de entrevistas realizadas com docentes<sup>5</sup> que atuaram na instituição no contexto aqui referido. Em linhas gerais, veremos que, apesar de obstáculos vivenciados pelo Departamento de Jornalismo, os primeiros anos de desenvolvimento do curso da ECA foram marcados por esforços de implantação de atividades laboratoriais, produção de pesquisa, debates, seminários, e articulação com o setor produtivo.

## O desenho inicial da Escola de Comunicações Culturais

Criada pelo decreto estadual 46.915, de junho de 1966<sup>6</sup>, a Escola de Comunicações e Artes (ECA) começou a funcionar no ano letivo de 1967, sem sede própria, no edifício da reitoria na Cidade Universitária, com seis cursos constituindo sua estrutura didática original: Jornalismo; Rádio e TV; Cinema; Artes Dramáticas; Relações Públicas, Biblioteconomia e Documentação. Nasceu como Escola de Comunicações Culturais (ECC) e somente em 1970 se transformaria na Escola de Comunicações e Artes.

O primeiro diretor da chamada ECC foi Júlio Garcia Morejón, catedrático da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Morejón foi um dos integrantes da comissão especial instituída pelo reitor da universidade, Gama e Silva, com o objetivo de estudar a criação de uma escola de Comunicações na USP, em março de 1965. Ele permaneceu no cargo até 1968, quando a direção foi assumida por Antonio Guimarães Ferri (1968-1972), professor catedrático da USP, formado em medicina veterinária<sup>7</sup>. Até o final da década de 1980, a escola foi dirigida por uma série de docentes proveniente de outras unidades. Como a ECA não possuía ainda professores titulares e o estatuto da USP impunha esta condição para se assumir o cargo, seus dirigentes inicialmente não foram escolhidos dentro dos quadros da própria escola (NOTICIÁRIO da Intercom, 1980).

A unidade é instalada na estrutura universitária da USP em plena ditadura

militar, situação que colocaria obstáculos para o desenvolvimento de seus projetos de ensino, pesquisa e extensão, sobretudo na década de 1970, no período de cassações brancas de professores da universidade, concretamente afetados em suas trajetórias pela ação do regime. Além das particularidades da conjuntura política, há que se ressaltar que a escola é criada em um momento de transformações culturais e econômicas, marcada entre outros aspectos pelo crescimento do mercado de trabalho das indústrias culturais e de comunicação no País.

Em 1963, a Universidade de Brasília já havia instalado sua Faculdade de Comunicação de Massa, inaugurando no país a formação do “comunicador especializado” (MELO, 1974, p.46). As experiências de Brasília e São Paulo dão início à trajetória de “instituições do gênero”, inseridas autonomamente dentro do sistema universitário brasileiro (MELO, 1991). Em 1969, o Conselho Federal de Educação (CFE), constituído à época como órgão normativo do ensino superior, elaborou um elenco de disciplinas e requisitos básicos para o funcionamento de cursos de graduação em Comunicação Social. A partir da década de 1970, há uma aceleração do crescimento das escolas de comunicação, sobretudo na região Sudeste do País.

Em seus anos iniciais de funcionamento, a ECA encampará a promessa de uma escola aberta ao novo, capaz de articular pares como teoria e prática, produção de conhecimento e experimentação, reflexão e técnica num todo dinâmico e integrado (COMISSÃO..., 2000). Apesar das expectativas anunciadas, a integração será historicamente um desafio para a escola. Tradicionalmente responsável pelo desenho administrativo e pedagógico da ECA, a organização departamental favorecerá a composição de unidades justapostas, desconectadas entre si e abrigadas, inclusive, em construções fisicamente separadas.

A chamada ECC entrou em funcionamento em 1967, com estrutura curricular que sofreria uma série de reformulações nos anos seguintes. O desenho inicial do modelo formativo da escola atribuía notada ênfase ao embasamento humanístico-cultural, desenho este que pode ser, em certo sentido, situado de forma mais clara quando considerada a própria origem acadêmica e o perfil predominante dos docentes que vão ser abrigados inicialmente na nova unidade. Camargo (1971, p. 53) observa que a concepção da formação básica do aluno da ECC, na estrutura curricular de 1967, priorizava as línguas, a literatura e a história, estando representada ainda de maneira reduzida a fundamentação em torno da Comunicação. Neste período fundador, a equipe de docentes era quase toda originária das áreas de Letras e Ciências Humanas (MELO, 1984).

No processo de estruturação da escola, foram criados em 1967 e instalados em 1968 seis departamentos profissionalizantes, (Jornalismo, Relações Públicas, Artes Dramáticas, Cinema, Rádio e Televisão, Biblioteconomia e Documentação), e outras três unidades que reuniam disciplinas de fundamentação geral – Departamento de Ciências e Técnicas da Comunicação, Departamento de Estudos Históricos e Filosóficos, Departamento de Estudos e Pesquisas Linguísticas e Literárias (MELO, 1983). Inicialmente, este último departamento era o que concentrava o maior número de professores na escola, seguido por Estudos Históricos e Filosóficos (CAMARGO, 1971). Ambas as unidades não aparecem mais na estrutura da ECC no início da década de 70. Já o Departamento de Ciências e Técnicas da Comunicação tem seu número de professores significativamente ampliado em 1969, constituindo uma equipe de trabalho interdisciplinar para a análise dos fenômenos da Comunicação, conforme pontua Nelly de Camargo (1971, p.64): “O Departamento de Ciências e Técnicas da Comunicação expande-se, aumentando o número de suas áreas de estudo, estabelecendo seus propósitos de “promoção da pesquisa nas áreas de Comunicação no Brasil”. Camargo, então licenciada em pedagogia pela USP e especialista em educação visual, com curso em Ciências da Informação pelo Ciespal, em Quito, foi a primeira chefe desta unidade, posteriormente renomeada como Departamento de Comunicações e Artes (CCA). A chefia

<sup>5</sup> José Marques de Melo (março/2011); José Coelho Sobrinho (abril/2011); Dulcília Buitoni (maio/2011);

<sup>6</sup> A íntegra do decreto pode ser consultada no repositório online do Diário Oficial do Estado de São Paulo, edição de 17 de junho de 1966, p.2-3. Disponível em: <http://www.imprensaoficial.com.br/>. Acesso em 05 de setembro de 2021;

<sup>7</sup> Ferri foi também diretor do Instituto Oceanográfico, vice-reitor da USP e presidente da TV Educativa da Universidade de São Paulo. Cf.: <https://ww3.icb.usp.br/antonio-guimaraes-ferri>. Acesso em 20 de setembro de 2021.

do CCA seria assumida no início da década de 1970 por Egon Schaden, doutor em Ciências e Sociologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, fundador da disciplina Antropologia da Comunicação na ECA e um dos principais articuladores da instalação do curso de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, em nível de mestrado, em 1972 (DIVITIIS, 2009, p. 41 e 77).

Originalmente integrado “por professores vinculados, em sua maioria, às áreas de Linguagem e das Ciências Humanas”<sup>8</sup>, o CCA assume papel singular na escola. Os docentes do departamento, antes de vincularem-se especificamente a uma graduação, ofereciam disciplinas de fundamentação para os diferentes cursos da ECA. Seu papel, entretanto, será questionado, notadamente no processo de revisão da estrutura curricular/programática da graduação no início da década de 1990<sup>9</sup>, em um contexto marcado por discussões e estudos em torno de um novo projeto de ensino, pesquisa e extensão para toda a escola (FARO, 1991).

### Primeiros passos do Departamento de Jornalismo

A estrutura curricular inicial dos cursos da ECC havia sido construída pela comissão nomeada pelo então reitor, Gama e Silva, para a criação da escola e foi apresentada como ponto de partida aos regentes das primeiras cátedras instaladas, que tiveram a tarefa de promover reformulação pedagógica e propor novas diretrizes para a graduação (MELO, 1983). No caso do Jornalismo, o currículo original havia sido elaborado segundo o modelo de universidades espanholas e de outros cursos em funcionamento na Europa, sendo considerado inicialmente um “protótipo europeu” (BRUDER, 2003, online). O curso sofreria reformulação pedagógica logo nos primeiros anos, sob a coordenação de José Marques de Melo, que, a convite de Morejón, assume a chefia do Departamento de Jornalismo - uma das seis unidades pioneiras da escola, criada pelo Conselho Universitário em fevereiro de 1968, no período de estruturação da ECC. Melo havia sido selecionado por concurso público e contratado, aos 25 anos, para a Regência da Cátedra de Técnica e Prática de Jornal e Periódico. Permaneceu à frente do departamento até 1972. Neste período, foram definidas as “linhas mestras” do Jornalismo da ECA, que seriam mantidas e aprimoradas, segundo ele, nos primeiros cinco anos da trajetória da escola.

<sup>8</sup> CCA/ECA-USP. Disponível em: <http://www.cca.eca.usp.br/cca>. Acesso em 8 de maio de 2011 e 20 de setembro de 2021;

<sup>9</sup> Documento elaborado a partir de recomendações de docentes e discentes, neste período, apontava que vários departamentos insistiam na revisão das disciplinas oferecidas pelo CCA e indagavam sobre a necessidade do tronco comum. Havia o argumento de que “seria mais produtivo ter disciplinas voltadas para um objetivo próprio, desde o início dos cursos” (AJZENBERG, 1990, p.14). Somente a partir de 2011, o CCA irá assumir a dianteira de um curso próprio de graduação: a Licenciatura em Educação.

Era uma orientação [que contemplava] o equilíbrio teoria e prática, aulas teóricas e aulas práticas, um pé na academia e um pé no mercado, e também uma visão aberta para a sociedade. A grande dificuldade que nós tivemos no início foi a de implantar um modelo de ensino que implicava em liberdade de ação. E não havia liberdade exatamente em pleno golpe militar. Em 67 as coisas já começaram a ser mais difíceis. (Trecho de entrevista concedida à autora, março/2011)

Melo (1992) buscava diferentes referenciais para a construção do programa do curso de Jornalismo, entre as quais, as experiências da escola da Universidade de Missouri (EUA), com forte atenção para a produção laboratorial, e o modelo implantado por Luiz Beltrão na Universidade de Pernambuco que, entre outros aspectos, projetou o jornal-laboratório como instrumento didático básico. A Agência Universitária de Notícias (AUN) foi o primeiro órgão experimental do departamento, criado em 1968 e definido por Melo como “o carro chefe da aprendizagem” do Jornalismo da ECA neste período. Em texto de 1967, publicado no volume 1 da Revista da Escola de Comunicações Culturais, o autor pontuava a centralidade do jornal-laboratório para a formação dos jornalistas.

O jornal-laboratório constitui o instrumento básico de um Curso de Jornalismo no sentido de integrar os estudantes na problemática da futura profissão. A sua finalidade é a de permitir um treinamento adequado na própria Escola, de modo que os alunos tenham

oportunidade de colocar em execução, ainda que experimentalmente, o acervo de conhecimentos teóricos adquiridos nas diversas disciplinas de natureza técnico-profissional (MELO, 1967, p. 185)

Marques de Melo permanece à frente do Departamento de Jornalismo até 1972, quando o clima de perseguição política na universidade torna sua permanência no cargo insustentável. É afastado da USP em 1974, durante período de “cassações brancas” de professores da casa. Retornou à escola depois da anistia política, em 1979, juntamente com outros professores que haviam sido atingidos pela ação do regime militar. No início da década de 1980, foi aprovado em concurso público realizado pelo Departamento de Jornalismo e Editoração. Em 1983, assumiu novamente a chefia deste departamento e, em 1989, foi nomeado diretor da escola, estando à frente do cargo até 1992. Aposentou-se como professor da USP no ano seguinte e, em 1996, assumiu a Cátedra Unesco de Comunicação Regional na Universidade Metodista de São Paulo. Teórico cuja obra é vastamente citada, ganhador de honrarias, autor e organizador de diversas publicações, fundador e ex-presidente da Intercom, ele ocupou papel emblemático na trajetória do Jornalismo da ECA, projetando-se como liderança intelectual. Seguindo a gramática de Bourdieu (1996; 1994), poderíamos afirmar que Melo acumulou significativo capital no campo acadêmico, isto é, “fez um nome próprio”, conhecido e reconhecido, capaz de lhe conferir visibilidade e uma marca distintiva. No que diz respeito à sua trajetória dentro da ECA ou mais especificamente no CJE, essa marca foi reforçada pela própria projeção alcançada por Melo em função da série de posições-chaves por ele ocupada neste espaço: professor fundador, primeiro chefe de departamento, primeiro professor titular de Jornalismo, primeiro diretor da ECA escolhido entre os quadros da própria escola.

Sintomaticamente, sua figura é acionada como personalidade exemplar em alguns textos que se debruçam sobre o período inicial de funcionamento desta escola. Vianna (2004), por exemplo, associa a figura de Marques de Melo a de um personagem de exceção:

Passados mais de trinta anos, ao nos debruçarmos nos documentos oficiais, mantidos em um Dossiê, dos Relatórios do DJ [Departamento de Jornalismo] relativos ao período de 1968 a 1972, que explicam detalhadamente a construção do Departamento de Jornalismo na, hoje, Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, verificamos, em nossas análises não só a criatividade do jovem jornalista alagoano, recém-chegado a São Paulo, mas todo o seu dinamismo, vigor e principalmente a excepcionalidade de um ser humano e profissional à frente de seu tempo, construindo bases e pilares do ensino de jornalismo e da comunicação como um todo; sedimentando os estudos de graduação e pós-graduação em jornalismo; pesquisa e extensão; intercâmbios nacionais e internacionais. (VIANNA, 2004, online, grifos nossos)

Além de Marques de Melo, a equipe original de docentes do Departamento de Jornalismo foi formada por Flávio de Almeida Prado Galvão, José Freitas Nobre, Alfredo Weiszflog<sup>10</sup>, Francisco da Rocha Morel e Helcio Deslandes (BOLETIM..., 1968a). Constituíam este departamento, inicialmente, as disciplinas Técnica e Prática de Jornal e Periódico, Técnica e Prática de Rádio e Telejornalismo, Jornalismo Especializado, Jornalismo Comparado, Administração de Empresas Jornalísticas e História da Imprensa, a maioria classificada no currículo de 1968 como de natureza instrumental (conforme quadro a seguir). Como atividade adicional, o curso também previa a realização de estágios obrigatórios, a partir do segundo ano, nos próprios laboratórios da escola (como a Agência Universitária de Notícias) ou empresas de comunicação, “no sentido de tornar efetivamente prática a formação dos futuros jornalistas” (BOLETIM, 1968a, n.p).

Neste período, o currículo mínimo dos cursos de comunicação/jornalismo era disciplinado pelo Conselho Federal de Educação (CFE), constituído como co-

<sup>10</sup> Weiszflog permaneceu pouco tempo como professor da unidade. Em setembro de 1968, já não aparecia no quadro de docentes, segundo informações do Boletim do Departamento de Jornalismo (1968c).

legiado superior do ensino no Brasil, nos termos da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei n. 4.021, de dezembro de 1961). Por mais de duas décadas<sup>11</sup>, coube ao conselho indicar um núcleo obrigatório de disciplinas a ser adotado pelas instituições de ensino. Isto, obviamente, teve implicações sobre o modelo formativo do curso da ECA e as discussões do período, em que pesem as particularidades do projeto colocado em curso pela equipe fundadora do Departamento de Jornalismo.

Entre os anos de 1968 e 1970, localizamos três estruturas curriculares diferentes para o Jornalismo da ECA. De fato, em seus primeiros anos de funcionamento, não apenas o Jornalismo como os demais cursos da escola experimentaram uma série de reformulações e atualização curriculares, o que revela um esforço de definição dos conhecimentos considerados fundamentais no processo formativo - quer seja pelo próprio desafio de amadurecimento das diretrizes pedagógicas de uma escola recém-criada (que buscava consolidar-se como espaço de referência), quer seja pela necessidade de se enquadrar às recomendações que partiam do Conselho Federal de Educação.

***Estrutura curricular do Jornalismo da ECA em 1968 (BOLETIM..., 1968a, n.p).***

<b>Disciplinas Instrumentais</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Técnica e Prática de Jornal e Periódico</li> <li>2. Técnica e Prática de Rádio e Telejornalismo</li> <li>3. Jornalismo Especializado</li> <li>4. Jornalismo Comparado</li> <li>5. Administração de Empresas Jornalísticas</li> </ol>
<b>Disciplinas Fenomenológicas</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Introdução às Ciências e Técnicas da Comunicação</li> <li>2. Língua Portuguesa e Comunicação Linguística</li> <li>3. Psicologia da Comunicação Coletiva</li> <li>4. História da Imprensa</li> <li>5. Teoria da Comunicação</li> <li>6. Publicidade e Propaganda</li> <li>7. Ética e Legislação das Comunicações</li> </ol>
<b>Disciplinas Culturais</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Cultura e Civilização do Brasil Contemporâneo</li> <li>2. História da Civilização Contemporânea</li> <li>3. Pensamento Filosófico e Científico Contemporâneo</li> <li>4. História da Arte Moderna e Contemporânea</li> <li>5. Línguas Estrangeiras</li> <li>6. Literatura Brasileira e Hispano-Americana</li> <li>7. Princípios de Sociologia e Análise da Sociedade Brasileira</li> <li>8. Economia e Planejamento Econômico</li> </ol>

No currículo em vigor no ano letivo de 1968, as disciplinas do curso de Jornalismo da ECA foram divididas e classificadas em três níveis: cultural, fenomenológico e instrumental, seguindo indicação esboçada pelo próprio Conselho Federal de Educação em seu parecer 984/65 (que embasou o segundo currículo mínimo). O nível instrumental refere-se ao conjunto de matérias técnicas ou específicas, sob responsabilidade do Departamento de Jornalismo, representadas em menor número no texto curricular, quando comparadas aos outros dois eixos formativos. O fenomenológico reunia disciplinas associadas fundamentalmente aos estudos de comunicação, e o terceiro nível, cultural, foi constituído por disciplinas de formação humanística. É possível observar nesta classificação uma forma de organização curricular que aponta para fronteiras demarcadas entre as áreas de

conhecimento – organização esta que – pode-se inferir – se refletia na própria estruturação dos departamentos da ECA naquele momento.

Em 1969, a graduação em Jornalismo inicia o ano com novo currículo. Segundo o Boletim do Departamento de Jornalismo, as modificações implementadas constituíram, por um lado, “uma necessidade pedagógica, a partir da experiência de dois anos de funcionamento do curso”. Por outro, algumas adaptações se fizeram necessárias no sentido de atender à Portaria n. 238/66 do Conselho Federal de Educação e às exigências básicas impostas em termos curriculares. O texto destacava que os professores tinham “várias restrições” às diretrizes do currículo-mínimo, mas eram “obrigados a cumpri-lo, nos termos do artigo 70 da lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional” (BOLETIM..., 1969a, p. 1). A estrutura curricular do Jornalismo da ECA é acrescida de novas disciplinas, entre as quais da área instrumental, como destaca o próprio boletim do departamento, observando que o corpo docente de Jornalismo havia sido ampliado em função deste acréscimo. Thomas Farkas, Alexandre Kadunc e Francisco Gaudêncio Torquato do Rêgo são professores admitidos.

No início da década de 1970, o currículo de Jornalismo da ECA, a exemplo de outros cursos da mesma natureza, sofre outra reformulação, em função de novas mudanças prescritas pelo CFE. Com a introdução do currículo mínimo de 1969, são instituídos os cursos de comunicação social e o jornalismo é transformado em uma de suas diferentes modalidades de habilitação. Com esta mudança, vemos surgir a figura do ciclo básico ou do tronco comum, que, segundo o próprio nome revela, passa a ser constituído, seguindo as recomendações do CFE, por um conjunto de disciplinas de fundamentação comum a todas as habilitações amparadas pelo guarda-chuva da comunicação social. Os cursos são estruturados, a partir de então, em duas etapas, isto é, em dois grandes eixos de formação: a primeira metade do percurso formativo passa a concentrar as matérias de fundamentação geral humanística e de fundamentação específica da Comunicação (ciclo básico), e a segunda metade as matérias de natureza profissional, definidas em função da habilitação específica. Esta configuração colocará desafios para a escola, no sentido de garantir integração entre os dois níveis de formação e os respectivos departamentos vinculados às etapas formativas (CCA e departamentos profissionalizantes).

Para além da reestruturação curricular, outra mudança significativa vivenciada no início da década de 1970 refere-se à ampliação do Departamento de Jornalismo. Em 1972, a ECA começa a oferecer também a formação em Produção Editorial, posteriormente denominada como curso de Editoração. É constituído, neste contexto, o Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE).

### **Perfil docente e critérios de recrutamento**

Marques de Melo pontua dificuldades enfrentadas pelo departamento, em seu momento fundador, no processo de contratação de docentes para as disciplinas de jornalismo, em função dos próprios critérios de recrutamento adotados pela universidade, que impediam, por exemplo, a contratação de jornalistas que se destacavam na carreira, mas que eram destituídos de diploma universitário. Observamos que a ECA acoplará, a exemplo de outras universidades públicas, a efetivação e progressão na carreira docente à posse de títulos, característica que definirá, em certo sentido, o perfil de seus professores. Como destaca Melo:

Para contratar os professores [nos primeiros anos] foi a maior dificuldade porque se exigia títulos. E a maioria dos jornalistas que eu gostaria de ter levado para lá não tinha titulação [universitária]. Cláudio Abramo, que era o maior profissional.... eu não podia levar porque não tinha nem ginásio completo. Se quisesse trazer o Alberto Dines, do Rio de Janeiro, era a mesma coisa. [...] Os professores eram selecionados por concurso. A gente ficava

rezando para aparecer jornalistas porque, de modo geral, os que apareciam eram advogados... quem tinha título universitário. Mas tivemos a sorte de contratar inicialmente alguns jornalistas. O Gaudêncio Torquato, por exemplo, se candidatou e entrou (Trecho de entrevista concedida à autora, março/2011)

Nos primeiros anos de funcionamento da escola, além de Torquato - que, como podemos inferir, havia acumulado capital no campo profissional em 1966 ao receber um *Prêmio Esso de Jornalismo* - também Freitas Nobre (ex-*Diários Associados*), Flávio Galvão (*O Estado de São Paulo*) e Alexandre Kadunc<sup>12</sup> (*Rádio Bandeirantes*) são profissionais que aparecem no quadro docente da ECA em 1969, com experiência em veículos jornalísticos. Outros possuíam trajetória nas respectivas áreas das disciplinas por eles assumidas. Thomas Farkas, por exemplo, era um nome conhecido e reconhecido por sua atuação no ramo da fotografia. Nota-se também que Melo, Freitas Nobre e Torquato faziam ou haviam feito parte do quadro de professores da Faculdade Cásper Líbero.

Alguns destes primeiros docentes do departamento - Melo, Torquato e Farkas - iniciaram suas teses na ECC em regime de doutorado direto, dentro do modelo europeu que prevalecia naquele momento nas universidades brasileiras. Este modelo seria desativado em função da nova legislação educacional, que passou a dividir, segundo as diretrizes da Reforma Universitária de 1969, os estudos de pós-graduação, seguindo o padrão norte-americano, em dois níveis de formação - mestrado e doutorado<sup>13</sup>. A nova legislação, como observa Pinto (1988), também atrelou a obtenção de títulos para a progressão na carreira, obrigando os professores universitários a cursarem pós-graduação. “Ao mesmo tempo em que era instalado o curso de Pós-Graduação, tendo como modelo o similar americano, atrelava-se também o início da carreira universitária à obrigatoriedade de cursar a pós-graduação em seus dois níveis: mestrado e doutorado” (PINTO, 1988, p. 107). No âmbito destas reformas, em 1972, é criado o programa de Mestrado em Ciências da Comunicação da ECA, pioneiro na área. Em 1980, iniciam-se as atividades do programa de doutorado em Ciências da Comunicação.

Há que se ressaltar que a exigência por titulação em nível de pós-graduação será sentida de maneira mais significativa no CJE ao longo da década de 1980, quando os professores, para ingressar de forma efetiva nos quadros do departamento por meio de concursos, tiveram de comprovar/concluir seus estudos em programas de pós-graduação. Conforme pondera Dulcília Buitoni, professora aposentada do CJE, no período de vigência do regime militar - notadamente na década de 1970 - novos docentes ingressaram na instituição por meio de contratos temporários, apenas com formação universitária - embora muitos deles, tão logo inseridos nos quadros da ECA, tenham iniciado pesquisas em nível de mestrado no programa de Ciências da Comunicação da escola, em função da própria exigência de titulação para a efetivação e progressão na carreira. Nas palavras de Buitoni, que ingressou no CJE em 1972:

Não havia essa pressão, essa exigência que existe hoje. Fazia-se [pós-graduação] porque era bom. A gente sabia, já naquela época, que só podia fazer o concurso na USP para se efetivar tendo o doutorado, antes não podia. Mas por outro lado, como era ditadura e tudo mais, todos os nossos contratos eram temporários. [...] Aos poucos, foi começando, realmente, a se exigir que a pessoa tivesse formação. Até porque a própria ECA estava com uma pós-graduação (trecho de entrevista concedida à autora, maio/2011)

Alguns destes professores recrutados pelo departamento na década de 1970 são também jornalistas com experiência em veículos de comunicação - em especial da chamada grande mídia - como é o caso de Buitoni, Jair Borin<sup>14</sup>, Cremilda Medina, Gisela Ortrivano, José Luiz Proença e Dirceu Fernandes Lopes. Sobre tudo a partir de 1974, o departamento teve seu quadro docente desarticulado em

<sup>12</sup> Pelas indicações do Boletim do Departamento de Jornalismo, a passagem de Alexandre Kadunc pelos quadros da ECC foi breve. Na edição de julho de 1969 do referido documento, ele não aparece como integrante do corpo docente (BOLETIM..., 1969b);

<sup>13</sup> Isso não impediu que os inscritos no antigo programa concluíssem suas pesquisas. Melo e Torquato defenderam suas teses em 1973, na ECA, e Farkas em 1977;

<sup>14</sup> Jair Borin, jornalista com atuação nos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *Movimento*, iniciou sua carreira docente na ECA em 1971. Poucos anos depois, em março de 1974, foi preso e permaneceu em cárcere até dezembro de 1975.



função do regime militar e precisou lutar pela reposição de nomes, como relembra José Coelho Sobrinho<sup>15</sup>, professor que ingressou no CJE em 1972.

Koshiyama (2008) sublinha que as condições de ensino e aprendizagem na década de 1970 foram significativamente marcadas pela conjuntura histórica repressiva. “A prisão do professor Jair Borin, a desconstrução dos professores José Marques de Melo, Thomaz Jorge Farkas, José Freitas Nobre do Departamento de Jornalismo e Editoração nos primeiros anos da década, foram apenas sintomas de um processo repressivo político só revertido com a anistia política dos anos 80” (KOSHIYAMA, 2008, p.3). Não por acaso, Melo, quando retorna para os quadros da ECA ao final da década de 1970, afirma ter encontrado o Departamento de Jornalismo “completamente desmontado”<sup>16</sup>.

### As pautas do Jornalismo da ECA: pesquisa, experimentação e diálogo com o setor produtivo

Embora o florescimento da reflexão de cunho acadêmico em torno do jornalismo tenha sido incentivado, a partir de 1972, com a constituição e desenvolvimento de um espaço institucional, representado pelo programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação (que acolheu o jornalismo como uma de suas subáreas), observa-se que desde o momento fundador do departamento a preocupação com pesquisa esteve presente na agenda de sua equipe pioneira. Pelo que apontam documentos do período (BOLETIM..., 1968-1969), atividades desta natureza eram articuladas à dimensão formativa dos alunos na graduação<sup>17</sup>. Experimentação acompanhada de pesquisa e reflexão teórica seria uma das orientações encampadas pela unidade, segundo Melo<sup>18</sup> - apesar da carência de equipamentos, recursos materiais e instalações que impunham desafios à escola para o desenvolvimento de projetos laboratoriais.

Em 1969, o Centro de Pesquisas de Jornalismo Comparado inicia suas atividades na ECC, com o objetivo de “testar instrumentos de análise científica nos campos de morfologia e conteúdo de jornais” (BRUDER, 2003, online). No mesmo ano, o departamento realizava a I Semana de Estudos sobre Jornalismo, organizada em torno do tema “Jornalismo Sensacionalista”. Vianna (2004, online) observa que, no período de 1968 a 1969, o Jornalismo da ECA realizou diversos eventos, como conferências, palestras e seminários, editou publicações e conferiu ênfase a atividades de extensão cultural, “mantendo intercâmbios sistemáticos com entidades congêneres do país e do exterior”.

Realizada anualmente e de forma ininterrupta até 1974, as primeiras edições da Semana de Jornalismo, segundo as palavras do departamento, contribuíram “para romper os obstáculos existentes entre a ECA/USP e a comunidade empresarial e profissional da comunicação”.

Ao surgir, a ECA foi combatida pela grande imprensa e recebida com ceticismo e temor pelas organizações profissionais. E as Semanas de Jornalismo permitiram trazer para esta escola donos de jornais, dirigentes de emissoras de rádio e televisão, bem como os seus profissionais e os seus dirigentes sindicais (CJE..., 1983a, p.1)

Historicamente, as escolas de comunicação/jornalismo foram alvo de críticas do setor produtivo em relação à sua legitimidade como lugar de formação das novas gerações de profissionais. A preocupação de se estabelecer relacionamento com as empresas jornalísticas era uma forma de enfrentar ou diluir estas tensões - como pontua o Boletim do Departamento de Jornalismo de 1968: “As iniciativas realizadas nesse sentido constituirão até mesmo uma maneira de vencer as barreiras (pequenas, mas ainda existentes) ao acesso e integração profissional dos bacharéis em jornalismo” (BOLETIM..., 1968a). A este respeito, Bruder (2003, online) destaca que Marques de Melo estabeleceu diálogo, já nos primeiros anos

<sup>15</sup> Em trecho de entrevista concedida à autora, abril/2011;

<sup>16</sup> Em trecho de entrevista concedida à autora, março/2011;

<sup>17</sup> O boletim n. 1 do Departamento de Jornalismo (1968a) afirmava que, além das atividades experimentais, os alunos do curso realizariam trabalhos de pesquisa “de modo a se conhecer alguns fenômenos gerados pela transmissão das mensagens jornalísticas”. Dois projetos foram programados para aquele ano: 1) uma pesquisa de campo cujo objetivo era conhecer os hábitos de leitura da população da cidade de São Paulo; 2) uma “pesquisa de laboratório”, destinada a analisar a morfologia e conteúdo dos jornais diários de São Paulo. Em 1969, sob a direção de Freitas Nobre, os alunos realizaram levantamento da imprensa paulista no período de 1945-1968 (BOLETIM..., 1969a, p. 24-26). O mesmo boletim anunciava que os alunos do terceiro ano, orientados por Flávio Galvão, estavam realizando pesquisa sobre “as funções de direção e secretaria no Jornalismo Paulistano”, e que os alunos do segundo ano participavam de pesquisa sobre a imprensa de bairro em São Paulo, sob a orientação de José Marques de Melo;

<sup>18</sup> Em trecho de entrevista concedida à autora, março/2011.

de funcionamento do curso, com empresas como *O Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil* e *Editora Abril* - processo este que, segundo o autor, “se refletiu na própria reformulação do curso de jornalismo”. A tentativa de alargar os laços com o setor produtivo poderá ser observada em outras frentes abertas pelo CJE ao longo de sua trajetória, gerando ações afirmativas nesta direção. Melo assumirá protagonismo nestes debates, sobretudo em sua nova passagem pela chefia do departamento no início da década de 1980 e quando assume a direção da escola (no final dos anos 80). Ele será claro defensor da ideia de que a melhoria dos padrões do jornalismo brasileiro passa pela integração/articulação universidade-empresa<sup>19</sup>.

Se por um lado havia esta preocupação, por outro o departamento também se engajará num ponto considerado problemático para a relação com as empresas jornalísticas: a defesa da obrigatoriedade do diploma. A unidade teve ativa participação nas discussões em torno do texto de regulamentação da profissão de jornalista, em 1969, apoiando o estabelecimento da obrigatoriedade da credencial acadêmica como forma de acesso ao mercado de trabalho. Não por acaso, José Coelho Sobrinho (2007, p.10-11), classificará a ECA como “um dos berços da regulamentação”.

O departamento também reivindicará posição de protagonismo no Brasil em relação às discussões e reflexões associadas ao ensino de jornalismo, reforçada, entre outros aspectos, pela organização de eventos, publicações e o esforço de produção teórica de alguns de seus docentes sobre o tema. Esta concepção sobre o papel de liderança da escola será construída de maneira significativa no boletim de 1983 do CJE, que retoma o significado histórico das semanas de jornalismo iniciadas pela unidade no final da década de 1960. Segundo o texto, com o encontro realizado em 1972, organizado em torno do tema “Ensino de Jornalismo”, “a ECA se afirmou na liderança das escolas de comunicação do país, irradiando modelos, propostas e ideias que eram seguidos nas demais universidades brasileiras, no início da década de 70” (CJE, 1983a, p.1). Há que se ressaltar, ainda, que alguns dos professores desta matriz uspiana, como José Marques de Melo, Gaudêncio Torquato, Francisco Morel e Anamaria Fadul, estarão diretamente envolvidos com a criação da Intercom, sociedade científica fundada em São Paulo em 1977. A Intercom, em seus primeiros anos, assumiu centralidade na arena dos debates pedagógicos relacionados à Comunicação e em defesa da manutenção dos cursos da área na estrutura universitária. O tema de seu primeiro encontro, realizado em 1978 em Santos, foi “Estratégia para o ensino da comunicação”. Na ocasião, os debates tomaram como ponto de referência a problemática da implantação do currículo mínimo imposto pelo MEC no final daquela década<sup>20</sup>.

<sup>19</sup> Esta posição é expressa em uma série de artigos assinados pelo autor em jornais ao longo de 1990, quando ocupava o cargo de diretor da ECA. A exemplo do texto “Em direção à modernidade”, publicado na Folha de S. Paulo. FSP, Cidades, 17 de novembro de 1990, p. C-6;

<sup>20</sup> A primeira publicação organizada pela Intercom, como reflexo das questões abordadas no encontro de Santos, foi *Ideologia e Poder no Ensino de Comunicação* (1979), organizada por José Marques de Melo, Anamaria Fadul e Carlos Eduardo Lins da Silva.

### Considerações finais

Sublinhamos ao longo do texto alguns aspectos do processo de institucionalização do ensino de jornalismo na ECA-USP, com destaque para o papel desempenhado pelo Departamento de Jornalismo e o perfil dos professores que atuaram na unidade em seus anos iniciais de funcionamento. Está claro que os pontos aqui cotejados não encerram a multiplicidade de experiências protagonizadas no espaço institucional do curso da ECA, bem como a complexidade das relações interdepartamentais ali configuradas. De toda forma, as fontes mobilizadas nos permitiram mapear um conjunto de ações capitaneadas pela equipe inicial do Departamento de Jornalismo, direcionadas à construção de um modelo formativo com base em atividades de ensino, pesquisa e extensão (organização de eventos, publicações e caminhos de interlocução entre academia e setor produtivo).

Estas ações estavam em diálogo com debates mais amplos, configurados em nível nacional, sobre o perfil dos cursos e a formação dos profissionais da área, impulsionados pelas normativas e reformulações curriculares que partiam do Con-

selho Federal de Educação (CFE). Notadamente, a figura de José Marques de Melo, como liderança do departamento no período referido, ganhou projeção nestes debates, em função da posição de visibilidade e reconhecimento progressivamente acumulada e fortalecida pelas relações que conseguiu engendrar a partir (e para além) deste espaço institucional.

Apesar das iniciativas que animavam o desenvolvimento do curso nos primeiros anos, a equipe fundadora do Departamento de Jornalismo enfrentará obstáculos, especialmente associados às restrições das condições de autonomia vivenciadas no espaço universitário. A conjuntura política repressora do regime militar, aprofundada na década de 1970, fragilizou as condições objetivas de trabalho, provocou “impotência da maioria do corpo docente” (KOSHIYAMA, 2008, online) e afastamento de figuras centrais do departamento. Paralelamente, as prescrições curriculares fixadas pelo Conselho Federal de Educação, impostas às instituições de ensino, foram outra fonte de objeções e dificuldades no período. Cada novo currículo instituído pelo CFE exigia uma série de reformulações, com desdobramentos no desenho que deveria ser impresso aos cursos de graduação.

Para além destes condicionantes externos, a relação dicotômica constituída entre os professores posicionados nos chamados departamentos profissionalizantes (como o de Jornalismo) e os docentes do CCA, mais fortemente vinculados, em sua expressão corrente, ao terreno da fundamentação teórica da comunicação e das humanidades, colocará desafios para a integração destes níveis de formação no projeto de ensino ecano. O próprio desenho institucional da ECA e os conflitos interdepartamentais aí materializados indicavam pontos de tensão – que serão aprofundados, segundo nossas fontes, sobretudo a partir da década de 1980. Ainda que sinalizadas no texto, ressaltamos que as particularidades da relação interdepartamental neste espaço e seus desdobramentos sobre o ensino de comunicação/jornalismo ultrapassam os objetivos e limites de nossa argumentação, bem como as especificidades do período histórico contemplado. De toda forma, trazem indícios importantes sobre as relações de força colocadas em cena nos processos de definição do perfil dos cursos da área, entre agentes de trajetórias diversas, mais ou menos dotados de capital específico no campo acadêmico (BOURDIEU, 1994), e situados em diferentes posições nos contextos institucionais de ensino e pesquisa.

## Referências bibliográficas

AJZENBERG, Elza (org.). **Diagnóstico do Ensino da ECA**. São Paulo: ECA-USP, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. O Campo Científico. In: **Pierre Bourdieu – Sociologia**. ORTIZ, Renato (org.). São Paulo: Ática, 1994, p. 123-155.

BRUDER, Carsten. Forças e esforços: a criação do Departamento de Jornalismo na ECA-USP. **Revista PJ:Br - Jornalismo Brasileiro**. Edição 2, segundo semestre, 2003. Disponível em: [http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/ensaios2\\_f.htm](http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/ensaios2_f.htm). Acesso em: 20 de janeiro de 2011.

CAMARGO, Nelly de. A busca de uma filosofia para o ensino de comunicação. **Comunicações e Artes**. São Paulo, n. 6, 1971, p. 49-71.

COMISSÃO Interdepartamental de Reestruturação da Escola de Comunicações e

Artes. **ECA 2001**: Relatório Final. São Paulo, abril 2000.

DIVITIIS, Gleice de. **Gênese da antropologia da comunicação no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009.

FARO, José Salvador (org). **ECA-USP/93**. Reflexões para um novo projeto de ensino, pesquisa e extensão. São Paulo: ECA-USP, 1991.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. A prática política para ser jornalista: ECA-USP 1975-1976. **Revista PJ:Br - Jornalismo Brasileiro**, 2008. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/23k03.PDF.pdf>. Acesso em 10 de fevereiro de 2011.

MELO, J. M. Diretrizes para um jornal-laboratório. **Revista da Escola de Comunicações Culturais**. São Paulo: ECC-USP. V. 1. n. 1, 1967, p. 185-193.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da Comunicação: as experiências brasileiras. *In*: **Contribuições para uma pedagogia da Comunicação**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1974, p.13-69.

\_\_\_\_\_. Mesas-Redondas. Primeiros Professores da ECA. **Revista Comunicações e Artes**. São Paulo, v. 12, 1983, p.11-58.

\_\_\_\_\_. A Intercom perde um dos seus fundadores. **Boletim Intercom**, n. 47, mar/abr., 1984, p.17-19.

\_\_\_\_\_. **Comunicação e Modernidade**: O Ensino e a Pesquisa nas Escolas de Comunicação. Edições Loyola, São Paulo, 1991.

\_\_\_\_\_. Divórcio entre a universidade e a indústria da Comunicação na América Latina. *In*: **Generacion de conocimientos y formacion de comunicadores**. México, Fundacion Carlos Eduardo Frias, 1992, p. 91-111.

\_\_\_\_\_. Cásper Líbero, Pioneiro do Ensino de Jornalismo no Brasil. *In*: MELO, José Marques de (org.). **Transformações do Jornalismo Brasileiro: Ética e Técnica**. São Paulo: Intercom, 1994, p. 13-24.

NOTICIÁRIO da Intercom. Eleição direta para diretor: Tentativa na ECA-USP. **Boletim Intercom**, n. 24, outubro de 1980, p. 6-7.

PINTO, Virgílio Noya. Pós-Graduação em Comunicação na USP: preservando a diversidade e interdisciplinaridade. **Intercom**. Revista Brasileira de Comunicação, n. 59. Jul-dez, 1988, p. 107-109.

SOBRINHO, José Coelho. Jornalismo e direitos fundamentais. **Jornal da USP**. São Paulo, v. 22, n. 798, fev-2007, p. 10 e 11.

VIANNA, Ruth Penha Alves. Pra não dizer que não falei das flores. Dossiê CJE: 1968-72. **Revista PJ:Br - Jornalismo Brasileiro**. Edição 03, 1º semestre de 2004.

#### Outras referências

BOLETIM do Departamento de Jornalismo. São Paulo: ECA/USP, ano I, n. 1, março de 1968a.

\_\_\_\_\_. São Paulo: ECA/USP, ano I, n. 2, maio de 1968b.

\_\_\_\_\_. São Paulo: ECA/USP, ano I, n. 3, setembro de 1968c.

\_\_\_\_\_. São Paulo: ECA/USP, ano II, n. 4, março de 1969a.

\_\_\_\_\_. São Paulo: ECA/USP, ano II, n.5, julho de 1969b.

\_\_\_\_\_ São Paulo: ECA/USP, ano II, n. 6, outubro de 1969c.

CJE: Boletim do Departamento de Jornalismo e Editoração. São Paulo: ECA-USP, n. 9, 6 de junho de 1983a.

\_\_\_\_\_ São Paulo: ECA-USP, n. 10, 13 de junho de 1983b.